



MONTANHA DO
ALTO MINHO *IN LOCO*

VIVER E TRABALHAR

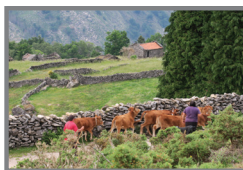






MONTANHA DO ALTO MINHO *IN LOCO*

VIVER E TRABALHAR



FICHA TÉCNICA:

Editor:	ARDAL (Associação Regional de Desenvolvimento do Alto Lima)
Título:	MONTANHAS DO ALTO MINHO <i>IN LOCO</i> VIVER E TRABALHAR
Autores:	Nogueira, Joana (ESA-IPCV, UI proMetheus) Simões, Sara (ARDAL, UI proMetheus) Araújo, José Pedro (ESA-IPVC; CIMO; CISAS) Santos, José Carlos (ESA-IPVC; UI proMetheus) Santos, Aurora (ESA-IPVC)0
Entidades Parceiras:	ARDAL - Associação Regional de Desenvolvimento do Alto Lima ESA/IPVC - Instituto Politécnico de Viana do Castelo - Escola Superior Agrária CIM AM - Comunidade Intermunicipal do Alto Minho AFL - Associação Florestal do Lima CAAVPB - Cooperativa Agrícola de Arcos de Valdevez e Ponte da Barca ASCRS - Associação Sócio-Cultural e Recreativa de Sistelo TCV - Território com Vida, Associação
Equipa Técnica:	Pedro Teixeira (ARDAL). Coordenador Joana Nogueira (ESA-IPVC; UI proMetheus). Coordenadora Amaro Amorim (CAAVPB) Aurora Santos (ESA-IPVC) Catarina Brito (ARDAL) Cristina Rodrigues (ARDAL) Dulce Mota (AFL) José Carlos Santos (ESA-IPVC) José Pedro Araújo (ESA-IPVC; CIMO) Liliana Neves (ASRC Sistelo) Luísa Garcia (CIM-Alto Minho) Otilia Xavier (ARDAL) Sara Simões (ARDAL)
Conceção gráfica:	jotasá
Depósito Legal:	484346/21
ISBN:	978-989-54213-8-1

Notas prévias

Para um presidente de Junta de uma freguesia como Sistelo, viver e trabalhar na freguesia, deve ser sinal de dinâmica proactiva e coesão social e económica de extrema importância. Agora, como nunca, com a situação atual que o mundo vive, é tão pertinente, discutir a vida no mundo interior e de baixa densidade, nomeadamente nas aldeias, tanto pela qualidade de vida, como pela oportunidade de trabalho.

Viver em Sistelo, sem trabalhar na freguesia, só é possível, com muita resiliência e um sentimento de ligação ao território muito forte, pois os constrangimentos são enormes, e a qualidade de vida, muitas das vezes é posta em causa. Mas não tenho dúvidas, do que, um futuro muito próximo, ou já presente, vai trazer para estes territórios, certamente, muito acelerado pelos tempos que estamos a viver e que colocou a sociedade a repensar o modelo de desenvolvimento que pretende, e a valorizar o ambiente e a natureza, como qualidade de vida e bem-estar. Sistelo é o exemplo, de que, aproveitando e valorizando os recursos, o desenvolvimento sustentável é possível, com a criação de empregos e a criação de riqueza, que tem como consequência a melhoria das condições de vida, e a fixação de população. Um dos grandes entraves a este desenvolvimento, ao despovoamento verificado, deve-se à distância aos médios e grandes centros. Com as novas autoestradas digitais, esta realidade está a mudar e temos apenas de ajustar as velas e sabermos bem o caminho que queremos trilhar, para nós e para as gerações vindouras.

O projeto *Acontece In Loco*, tem sido uma ferramenta de extrema importância, e o estudo para uma excelente base de trabalho, permitindo compreender melhor quem vive e trabalha em Sistelo, e para preparar o futuro. Para que assim seja cada vez mais possível viver e trabalhar nesta linda maravilha. Agradeço a todos os que pensaram e desenvolveram este projeto, desde os que realizaram o trabalho de campo até aos que participaram no estudo. Sistelo ficou mais rico e agradecido.

Sérgio Rodrigues, Presidente da Junta de Freguesia de Sistelo

Desde uma pacata aldeia entre montanhas, de gente humilde e de trabalho, resiliente ao sol e ao inverno agreste, por vezes bebendo do suor, comendo do nada da algibeira e cobrindo-se de mantas de retalho, emerge Sistelo como uma das “Sete Maravilhas de Aldeias Rurais”. Apelidada por uns de “Pequeno Tíbet”, e por outros de “Suíça Portuguesa”, terra de brandos usos, costumes e tradições de há tempos imemoriais, que ainda hoje teimam em resistir em condições adversas.

Vem esta coleção “Montanha do Alto Minho In Loco” dar a conhecer o modo de vida das nossas gentes a outros contextos sociais, desde os tempos primordiais e da nobreza, à realidade dos tempos de hoje. Na qualidade de Presidente do Conselho Diretivo dos Baldios de Sistelo, e força viva Sistelense, reconheço este importante contributo, feito com muito ardor, trabalho e carinho, a toda a equipa do In Loco, que o projetou e trabalhou para que se tornasse uma realidade a sua divulgação.

Que fique bem patente para memória futura de gerações vindouras este importante trabalho na defesa dos nossos antepassados, do presente e das novas gerações. Porque as gentes de hoje fazem o futuro do amanhã.

*Durval Alves Fernandes Gave, Presidente do Conselho Diretivo
dos Baldios de Sistelo*

Índice

Notas prévias	III
Índice de Figuras	VI
Índice de Quadros	VI
Preâmbulo	VII
1. Introdução	1
2.A montanha do Alto Minho	3
As comunidades de montanha e o desafio demográfico	4
As montanhas precisam das suas gentes	7
3.O projeto Acontece <i>in Loco</i>	11
4.Viver e Trabalhar numa comunidade de montanha	15
Entre ficar, partir e regressar: é bom viver em Sistelo?	16
Economia local e níveis de vida	22
Prioridades para melhorar a qualidade de vida	25
5.Notas finais	29
6.Referências	31
7.Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos	32

Índice de Figuras

Figura 1. Paisagem de Socalcos de Sistelo	2
Figura 2. Delimitação da montanha no Alto Minho	3
Figura 3. Igreja e Cemitério do Lugar de Igreja, freguesia de Sistelo	4
Figura 4. Evolução da densidade populacional nos concelhos do Alto Minho	5
Figura 5. Evolução população residente na freguesia de Sistelo	6
Figura 6. Evolução população residente na freguesia de Sistelo	6
Figura 7. Água no Fontanário de Sistelo, Lugar da Igreja	8
Figura 8. Pormenor da avifauna de Sistelo (Pisco de Peito Ruivo, <i>Erithacus rubecula</i>)	8
Figura 9. Detalhe de uma briófitas (antocerota) observada no Bioblitz de Sistelo	8
Figura 10. Miradouro de Sistelo, com vista panorâmica sobre a Paisagem Cultural	10
Figura 11. Vista parcial do Lugar de Igreja, Sistelo	12
Figura 12. Roda de Conversa sobre o Viver e Trabalhar em Sistelo	13
Figura 13. Campo de Feijão Tarreste (cortesia de Sérgio Rodrigues)	14
Figura 14. Detalhe do milho branco e feijão Tarreste colhidos em Sistelo	14
Figura 15. Limpeza do feijão Tarreste para o armazenar	14
Figura 16. Fotografia de grupo da visita técnica à Galiza	15
Figura 17. Desenhos sobre Sistelo realizados por crianças do Jardim de Infância de Vila Fonche, expostos na Associação Sócio-Cultural e Recreativa de Sistelo	19
Figura 18. Avaliação das condições de vida e de trabalho em Sistelo	20
Figura 19. Avaliação do espaço de vida quanto ao ambiente, segurança e sociabilidade	21
Figura 20. Agricultores a cortar o feno nos socalcos de Sistelo (Porto Cova)	22
Figura 21. Criadora de gado em dia de recolha do feno (Padrão)	23
Figura 22. Placas de informação turística indicando trilhos e restaurantes em Sistelo (Igreja)	23
Figura 23. Principais aspetos a melhorar em Sistelo para uma maior qualidade de vida	25
Figura 24. Caminho no interior da freguesia de Sistelo, com acesso aos campos	26
Figura 25. Escadas entre o rio Vez e o Lugar de Igreja	26
Figura 26. Estabelecimento de comércio local polivalente, atualmente encerrado (Igreja) ...	27
Figura 27. Aspeto do trabalho agrícola mecanizado, apenas possível em parte dos socalcos de Sistelo (Padrão)	28

Índice de Quadros

Quadro 1. Classificações do Território de Sistelo no âmbito da Conservação da Natureza	9
Quadro 2. Principais discursos das pessoas de Sistelo sobre o despovoamento e envelhecimento da população	17
Quadro 3. O que leva as pessoas a partir de Sistelo?	17
Quadro 4. O que leva as pessoas a ficar ou a regressar a Sistelo?	18

Preâmbulo

Este pequeno livro faz parte de uma coleção de quatro publicações que reúne informação que se destina principalmente às pessoas que vivem e trabalham na montanha. Estamos conscientes de que estes territórios enfrentam grandes desafios. Ao partilhar os resultados do projeto *Acontece in Loco* com as comunidades locais de montanha queremos retribuir as ideias e informações que connosco partilharam. Referindo-se a estudos e trabalhos anteriores alguém nos disse, em Sistelo, que “*raramente são explicados às pessoas de cá*”. Esta é uma realidade que queremos mudar, para termos montanhas vivas e comunidades resilientes.

A coleção Montanha do Alto Minho *in loco* inclui quatro cadernos temáticos:

- (1) Viver e Trabalhar;
- (2) Agro-silvo-pastorícia, Floresta e Biodiversidade;
- (3) Turismo sustentável;
- (4) Governança territorial.

Estas publicações permitem igualmente dar a conhecer a realidade de uma aldeia de montanha, nas suas várias dimensões, a um público mais amplo. Pretende-se sensibilizar a sociedade para a especificidade destes territórios e sublinhar a importância das suas múltiplas funções, dando particular relevo à voz das pessoas que lá vivem e trabalham.



1. Introdução

O projeto Acontece in Loco – Montanha do Alto Minho reuniu sete entidades que decidiram trabalhar em parceria e com as comunidades locais, para pensar o presente e o futuro das aldeias de montanha do Alto Minho. Os sete parceiros deste projeto foram: Associação Regional de Desenvolvimento do Alto Lima (ARDAL); Instituto Politécnico de Viana do Castelo (Escola Superior Agrária); Comunidade Intermunicipal do Alto Minho (CIM-AM); Associação Florestal do Lima (AFL); Cooperativa Agrícola de Arcos de Valdevez e Ponte da Barca CRL.; Associação Território com Vida e Associação Sociocultural e Recreativa de Sistelo.

As aldeias de montanha são espaços de vida e de trabalho de comunidades que têm sido capazes de resistir às condições difíceis que as serras representam. Por outro lado, as montanhas são cada vez mais procuradas para atividades de turismo e de lazer. São também reconhecidas pelos benefícios ecológicos que proporcionam às regiões envolventes. Todas estas funções da montanha dependem das pessoas que lá vivem e trabalham, como iremos evidenciar.

Quando os estudos e as estatísticas mostram a diminuição acentuada de habitantes nas aldeias surge a preocupação com o futuro. Sabemos que a redução da população nos territórios de montanha reflete décadas de abalada dos mais jovens, que saíram da montanha procurando melhores oportunidades de vida no estrangeiro ou nas cidades e no litoral do país. Esta saída dos jovens levou à perda de dinamismo social e económico nas aldeias, que se manifesta no abandono de terras, de casas, de cortes e palheiros, e na perda de tradições e de autonomia. Com este projeto procurámos encontrar soluções que possam ajudar a travar estas tendências e a revitalizar as aldeias.

Em primeiro lugar para beneficiar quem ainda vive na montanha, e que foi encontrando formas de resistir às dificuldades e de se adaptar aos desafios dos novos tempos. Mas também para benefício de toda a região do Alto Minho, que sem as comunidades locais da montanha perde uma parte da sua identidade e do seu património cultural e natural. Sem as gentes das serras e sem agricultura e pastorícia há produtos alimentares únicos e diferenciados deixarão de existir. Também as paisagens de grande beleza, criadas e mantidas durante séculos pelas gentes da montanha, se irão transformar e perder o seu atual valor. Há que

reverter estas tendências, e encontrar formas para que novos projetos, sonhos e pessoas venham povoar a montanha.

O projeto Acontece in Loco – Montanha do Alto Minho nasceu com esse objetivo, e também com a ideia de que para encontrar as soluções para o problema é muito importante ouvir e envolver quem vive e trabalha na montanha. O projeto foi possível de realizar por ter obtido aprovação e financiamento do Estado através da medida “Observação da Agricultura e dos Territórios Rurais” do Programa de Desenvolvimento Rural 2020 (PDR2020), no quadro da Rede Rural Nacional.

Definiram-se três objetivos específicos deste projeto:

- 1 – **Cooperar para melhor intervir na Montanha do Alto Minho:** trabalho em equipa das entidades parceiras, incluindo as comunidades locais.
- 2 – **Testar metodologias para monitorizar a Montanha do Alto Minho,** aprofundar o conhecimento que temos da montanha, ouvindo e consultando as pessoas e as organizações locais e recolhendo dados.
- 3 – **Valorizar e disseminar o conhecimento para potenciar a inovação** – assegurar que os resultados do projeto chegam a vários públicos, dentro e fora da montanha.



Figura 1. Paisagem de Socalcos de Sistelo

A freguesia de Sistelo foi escolhida como caso de estudo. Foi nesta freguesia que ao longo de dois anos realizámos várias atividades de campo e de recolha de informação. Esta publicação foca-se num dos temas abordados – o Viver e Trabalhar na Montanha – que se centra nas pessoas, nas oportunidades e dificuldades que sentem e nalguns aspetos da sua qualidade de vida. Além deste caderno temático há outros três, centrados em: Agro-silvo-pastorícia, Floresta e Biodiversidade; Turismo Sustentável na Montanha e Governança Territorial na Montanha. Para consulta das outras publicações e também de vídeos e imagens que dão conta das atividades realizadas com a comunidade de Sistelo remetemos para o site <http://www.aconteceinloco.altominho.pt/>.

2. A montanha do Alto Minho

Os territórios de montanha distinguem-se dos demais espaços rurais pela altitude, declives acentuados, clima mais rigoroso e pela presença de obstáculos naturais que dificultam a mobilidade de pessoas e bens. Em Portugal a montanha concentra-se no Norte e Centro do país. Nesta região as elevações do relevo formam um anfiteatro virado para o Atlântico, desde a Serra D'Arga mais litoral, passando pelas zonas mais altas de Ponte de Lima e Paredes de Coura, até se elevar imponentemente no planalto de Castro Laboreiro e nas Serras da Peneda, do Soajo e Amarela, já em pleno Parque Nacional da Peneda-Gerês.

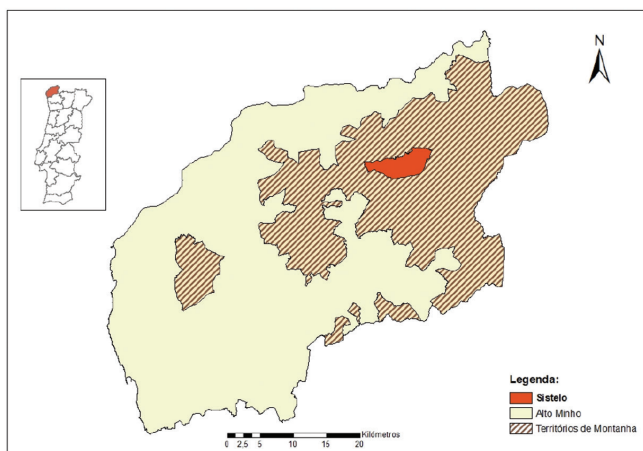


Figura 2. Delimitação da montanha no Alto Minho.

As comunidades de montanha e o desafio demográfico

Perde-se no tempo o início do povoamento destas montanhas, com o aparecimento de comunidades humanas que aí se instalaram e foram desenvolvendo a agricultura, a pastorícia e atividades ligadas à floresta. Os componentes naturais e humanos das paisagens de montanha do Alto Minho estão de tal maneira interligados, e há tanto tempo, que é difícil saber onde acaba a obra da natureza e começa a do Homem. É por essa razão que dizemos que estas paisagens de montanha são paisagens culturais. A sua conservação e autenticidade dependem da continuidade do trabalho das comunidades locais.

Se é certo que a origem destas comunidades está num passado muito distante, também sabemos que foi na segunda metade do século XX que cada vez mais jovens começaram a sentir a necessidade de deixar as suas aldeias. A grande vaga de emigração dos anos 1960/70 marca o início de um declínio demográfico que se foi estendendo até hoje. Os territórios de montanha ocupam cerca de 39% da superfície do Alto Minho. Na década de 1940 estes territórios tinham perto de 46 000 habitantes, valor que caiu para 21 200 residentes no Censo de 2011. Em termos relativos, a população da montanha passou de 18% para 9% do total de habitantes da região. O declínio demográfico teria sido substancialmente mais grave se muitos dos emigrantes não tivessem regressado às suas terras de origem, já com muitos anos de vida e trabalho por esse mundo fora.



Figura 3. Igreja e Cemitério do Lugar de Igreja, freguesia de Sistelo.

Olhando para os dez concelhos do Alto Minho verifica-se que aqueles que têm maior extensão de montanha – Arcos de Valdevez, Melgaço, Paredes de Coura e Ponte da Barca – são os que têm perdido mais população (Figura 4). O desequilíbrio no povoamento, sendo uma característica do nosso país, também se manifesta à escala regional. Apenas se verifica um crescimento significativo de população no concelho de Viana do Castelo, capital de distrito.

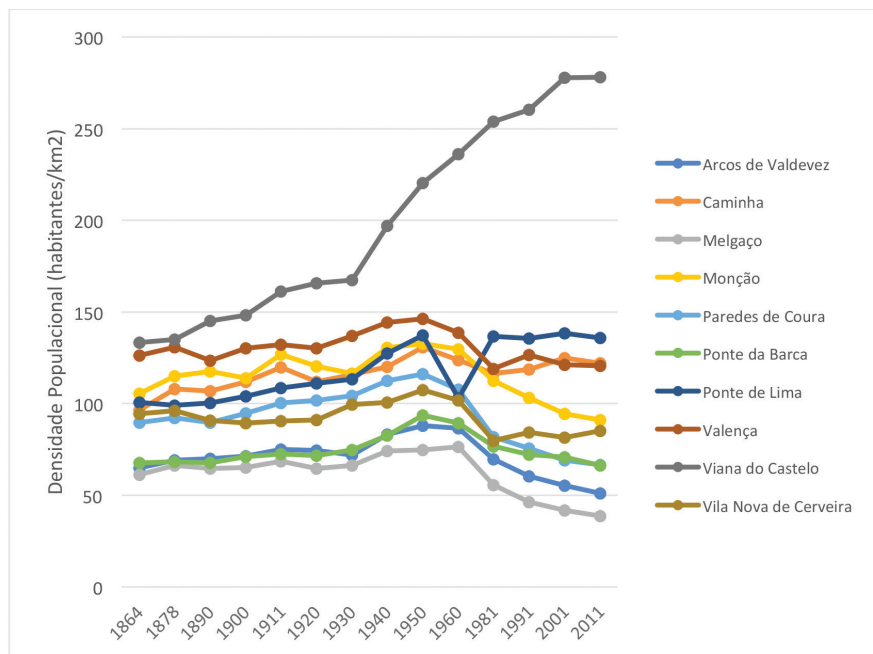


Figura 4. Evolução da densidade populacional nos concelhos do Alto Minho.
Fonte: INE, Censos.

No que se refere a Sistelo, os dados dos recenseamentos de população permitem distinguir claramente um período histórico, com uma população numerosa que se mantinha perto das 700 a 750 pessoas. A partir de 1960 este número começa a diminuir progressivamente, estimando-se que vivem atualmente em Sistelo cerca de 200 habitantes.

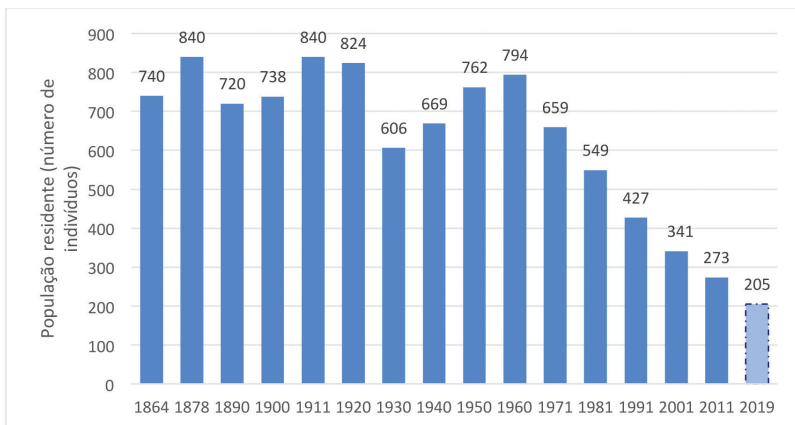


Figura 5. Evolução da população residente na freguesia de Sistelo.
Fonte: INE, Censos e Estimativa para 2019.

A diminuição do número de habitantes nas freguesias de montanha, como Sistelo, é acompanhada por um envelhecimento intenso (Figura 6). O índice de envelhecimento compara o número de pessoas com 65 ou mais anos com o número de crianças e jovens até aos 15 anos de idade. Segundo dados de 2011, este índice era de 1.74 para a região do Alto Minho, subia para 2.74 no concelho de Arcos de Valdevez e chegava aos 8.81 na freguesia de Sistelo.

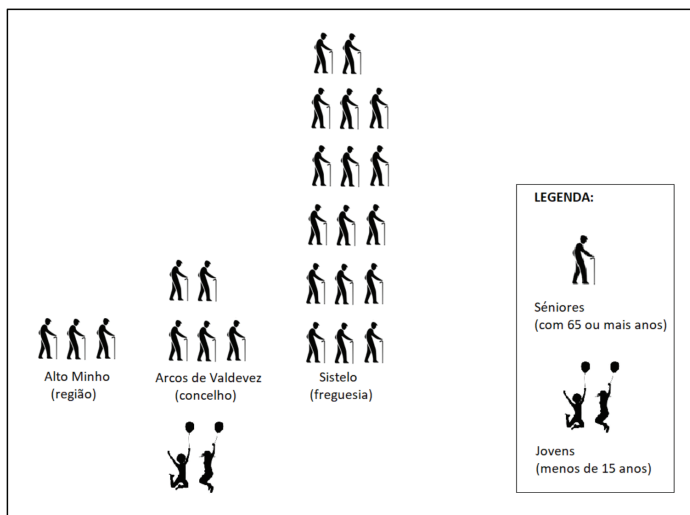


Figura 6. Evolução da população residente na freguesia de Sistelo.
Fonte: INE, Censos e Estimativa para 2019.

Sabemos que, se nada for feito, as zonas rurais e sobretudo as aldeias de montanha, irão ficar cada vez mais vazias de gente. Algumas poderão mesmo deixar de ser habitadas. Esta realidade é preocupante, e tem motivado um conjunto de políticas e de intervenções que procuram encontrar maneiras de recuperar o dinamismo das aldeias.

As montanhas precisam das suas gentes

O despovoamento da montanha empobrece o Alto Minho, que deixa de ter quem conserve as tradições, saberes e patrimónios muito próprios que se foram acumulando ao longo de gerações nestes territórios. Perde-se algo que é cada vez mais precioso: o modo de vida e de organização em comunidade, muito característico das zonas montanhosas. Além da vertente social e cultural, assume cada vez maior importância o património natural que estas comunidades têm sabido gerir e utilizar, sem o degradar ou destruir.

Num mundo cada vez mais preocupado com o ambiente, e consciente de que o bem-estar humano depende da conservação da natureza e da biodiversidade, as montanhas têm um papel cada vez mais importante. Há vários estudos a nível mundial, europeu e em Portugal que têm vindo a demonstrar as funções ecológicas importantes que estes territórios desempenham. Na União Europeia é de referir o Relatório do Comité das Regiões dedicado às zonas de montanha (2003/C 128/05), onde se afirma que as montanhas “representam um património muito específico de recursos vitais para toda a Europa: água, florestas, espécies e «habitats»» raros, raízes culturais únicas, e zonas de recursos naturais e de lazer” (UE, 2003). Num estudo de grande impacto – o *Millenium Ecosystem Assessment* – que em Portugal teve uma parte dedicada à montanha, concluiu-se igualmente que a montanha é extremamente importante pelos serviços de ecossistema que proporciona à sociedade (Aguilar *et al.*, 2009).

Interessa perceber bem o que são estes Serviços de Ecossistema. É muito frequente só nos darmos conta da sua importância quando os perdemos. Vejamos alguns exemplos de serviços de ecossistema que estão ligados à montanha do Alto Minho. A alimentação que o gado obtém na serra, e que as comunidades locais aproveitam através do pastoreio, é um destes serviços. A água que escoia pelas corgas, alimenta minas e nascentes, permite regar as culturas e que os rios

levam até às populações das vilas e das cidades é também um serviço de ecossistema. As grandes extensões de floresta e de matos que existem na montanha, grande parte integrada nos baldios, propriedades comunitárias, não só contribuem para regular as cheias dos rios e reduzir a erosão do solo, como purificam o ar que respiramos.



Figura 7. Água no Fontanário de Sistelo, Lugar da Igreja.

Um dos aspetos mais importantes dos ecossistemas é a sua riqueza em biodiversidade – a maneira como designamos o conjunto dos seres vivos (plantas, animais, fungos, micro-organismos). As montanhas são um importante refúgio de biodiversidade. É por essa razão que muitas das áreas de maior altitude são classificadas como áreas de proteção de natureza. As comunidades da montanha desde sempre têm convivido com esta biodiversidade.



Figura 8. Pormenor da avifauna de Sistelo (Pisco de Peito Ruivo, *Erithacus rubecula*)



Figura 9. Detalhe de uma briófitas (antocerota) observada no Bioblitz de Sistelo¹

¹ Na linguagem do dia-a-dia falamos em “musgos” e pouca importância lhes damos. Mas os cientistas classificam este tipo de seres vivos como briófitas, que incluem, para além dos musgos, hepáticas e antocerotas. São importantes elementos da biodiversidade e bioindicadores, isto é, permitem avaliar a qualidade do ambiente. Identificação realizada por Helena Hespanhol (Faculdade de Ciências da Universidade do Porto).

Sabe-se hoje que a agro-silvo-pastorícia tradicional de montanha contribui para que os ecossistemas de montanha sejam muito ricos em biodiversidade (Madureira *et al.*, 2013a; Lima Santos, 2017; Moreira e Lomba, 2017). O cultivo das terras e o pastoreio, ao impedirem o desenvolvimento de matos e de arvoredo nalgumas áreas, favorecem algumas plantas e animais que aí encontram alimento ou abrigo. O abandono e o avanço da floresta podem comprometer a sobrevivência de diversas espécies.

A elevada riqueza em biodiversidade dos territórios de montanha, tão expressiva no Alto Minho, tem sido reconhecida por um conjunto de classificações nacionais e europeias com o objetivo de garantir a sua conservação para as gerações futuras. Alguns destes territórios fazem parte da Rede Nacional de Áreas Protegidas, como é o caso do Parque Nacional da Peneda-Gerês, do Parque Natural do Litoral Norte e das Paisagens Protegidas de Corno de Bico e das Lagoas de Bertandos e São Pedro de Arcos. Outros territórios foram classificados no âmbito da Rede Natura 2000 ou como Reservas da Biosfera. Nestas últimas encontramos a freguesia de Sistelo (Quadro 1). Todas as áreas classificadas em Portugal no âmbito da conservação da natureza podem ser consultadas no website do Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, no website <https://www.icnf.pt/>. Os habitantes de Sistelo, ou de outras freguesias integradas na Rede Natura 2000, poderão ter interesse em ver informação disponível sobre os valores naturais do seu território num website europeu desta Rede (<https://natura2000.eea.europa.eu/>).

Quadro 1. Classificações do território de Sistelo no âmbito da Conservação da Natureza

Designação	Ano	Âmbito da proteção
Sítio de Importância Comunitária Peneda-Gerês – PTCON0001	1997; 2004	Rede Natura 2000
Zona de Proteção Especial Serra do Gerês – PTZPE0002	1999	Rede Natura 2000
Reserva da Biosfera Transfronteiriça do Gerês-Xurês	2009	Rede Mundial de Reservas da Biosfera da UNESCO

Para além disso, foram os agricultores e criadores de gado que, ao desbravar as vertentes para aí obter terras de cultivo, juntaram a beleza dos socalcos à imponência das serras. Esta combinação resulta num tipo de paisagem muito apreciada por todos e cada vez mais rara no Mundo. No ano de 2018 a Paisagem Cultural de Sistelo foi classificada como património cultural, na categoria de Monumento Nacional. Esta classificação é a maior distinção que a legislação portuguesa atribui a valores culturais relevantes e que distingue monumentos e paisagens tão destacadas como o Mosteiro dos Jerónimos (Lisboa), a Paisagem Cultural de Sintra (com o seu majestoso conjunto do palácios e jardins) ou a antiquíssima Sé de Braga. Todo o património cultural classificado em Portugal, incluindo a Paisagem Cultural de Sistelo, pode ser consultado no website da Direção-Geral de Património Cultural, em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/>.



Figura 10. Miradouro de Sistelo, com vista panorâmica sobre a Paisagem Cultural

Na União Europeia, e nalguns dos seus países com maiores sistemas montanhosos, como é o caso da França, há já uma longa tradição de políticas que têm como objetivo principal apoiar as comunidades locais da montanha e assegurar que as suas atividades agro-silvo-pastoris são economicamente viáveis, e colocando os agricultores na primeira linha da defesa da paisagem e dos ecossistemas. Em Portugal essa orientação é bastante mais recente e está muito ligada à Política Agrícola Comum (PAC). A nível mundial interessa dar conta de que as Nações Unidas declararam o Ano Internacional das Montanhas em 2002, com os seguintes objetivos:

1. Promover o desenvolvimento sustentável das regiões de montanha;
2. Melhorar a qualidade de vida das populações que vivem nas montanhas;
3. Proteger os ecossistemas de montanha.

As gentes da montanha e as suas atividades agro-silvo-pastoris, florestais e, mais recentemente, turísticas, são uma riqueza das regiões. Como já vimos antes esse valor inclui aspetos ligados à cultura e à história dos territórios, mas também importantes dimensões ligadas à natureza e aos ecossistemas. Os incêndios florestais são a faceta mais visível do modo como a redução da população e das suas atividades tradicionais pode pôr em risco os sistemas ecológicos de montanha (Oliveira Baptista, 2018). Para evitar que o despovoamento continue a ameaçar estas comunidades há que ouvir quem vive e trabalha na montanha, aprendendo com a sua experiência quais são as dificuldades a resolver e os aspetos mais positivos a valorizar.

3. O projeto *Acontece in Loco*

No início da década passada a Comunidade Intermunicipal do Alto Minho (CIM-AM) promoveu um processo de planeamento estratégico - “Alto Minho - Desafio 2020” - participado por múltiplos atores territoriais. Considerou-se então que o Alto Minho tem uma forte vocação rural e natural, e que o seu modelo de desenvolvimento deveria converter estes atributos em ativos-chave da economia e para a qualidade de vida na região. As atividades do agroalimentar, da floresta e do mar - aliadas ao turismo rural, de natureza e náutico - foram destacadas na estratégia, com uma parte relevante do plano de ação visando a sua diferenciação e qualificação progressiva (Mateus, 2013). A conciliação entre desenvolvimento

social e económico dos territórios e a conservação da natureza e da paisagem tem estado sempre presente. Também no que se refere ao crescimento do turismo se pretende assegurar estes dois objetivos. Como salientou o Presidente da CIM-AM: “A região do Alto Minho é única NUT III de Portugal Continental integralmente certificada com o Galardão de Carta Europeia de Turismo Sustentável atribuído desde 2015 pela Federação EUROPARC (Costa, 2020). Na Estratégia Regional para a Paisagem do Alto Minho foi evidenciado o elevado valor ecológico das unidades de paisagem de montanha nesta região (Caldas e Graça, 2020).

Para a região, os territórios de montanha são espaços com um conjunto de valores muito importante e que contribuem para o bem-estar e para a competitividade da região, dentro de uma lógica de desenvolvimento sustentável. Para que esse papel seja mantido e até reforçado, um dos elementos-chave é o envolvimento das comunidades locais nas decisões e nas dinâmicas que se pretendem desenvolver. O que apenas se consegue trabalhando com estas comunidades, nas freguesias e nos seus lugares, a uma escala microterritorial. Estamos a falar dos espaços onde as pessoas efetivamente vivem, trabalham e se organizam enquanto comunidade. Para trabalhar a esta escala no âmbito do projeto *Acontece in Loco* – Montanha do Alto Minho, selecionou-se a freguesia de Sistelo como área piloto.



Figura 11. Vista parcial do Lugar de Igreja, Sistelo.

O trabalho de campo foi realizado em 2018 e 2019. Foram numerosas as visitas e as conversas que nos levaram a Sistelo, e em cada uma delas houve sempre algo de novo para aprender. Para ir mais longe na recolha de informação organizámos várias rodas de conversa, no salão da Junta de Freguesia de Sistelo. Em cada roda de conversa procurámos que estivessem pessoas dos vários lugares da freguesia, homens e mulheres, mais jovens e mais velhos. Numa fase seguinte realizámos inquéritos por questionário a 48 das 93 famílias residentes, visitando-as nas suas casas e tendo o cuidado de incluir pessoas de todos os seis lugares da freguesia (Igreja, Padrão, Porto Cova, Portela de Alvite, Estrica e Quebrada). Também foram inquiridos proprietários de restaurantes e alojamentos turísticos locais, bem como pessoas que visitaram Sistelo. Para ter uma ideia do número de pessoas que visitam Sistelo foi instalado um contador na Ecovia do Rio Vez na proximidade da aldeia. Queremos deixar aqui os resultados mais importantes de toda esta pesquisa.



Figura 12. Roda de Conversa sobre o Viver e Trabalhar em Sistelo

Durante o projeto tivemos ainda oportunidade de, em conjunto com alguns produtores locais, semear algum milho e feijão de variedades regionais (milho branco regional e feijão Tarreste) e acompanhar atividades agrícolas e de pastoreio, quer nos socalcos, quer nas brandas e baldio.



Figura 13. Campo de Feijão Tarreste (cortesia de Sérgio Rodrigues)



Figura 14. Detalhe do milho branco e feijão Tarreste colhidos em Sistelo



Figura 15. Limpeza do feijão Tarreste para o armazenar (cortesia de Liliana Neves)

Para conhecer boas práticas que se estão a fazer noutros territórios semelhantes, fomos em visita técnica à Galiza. Nesta região de Espanha visitámos comunidades de montanha que estão empenhadas em criar uma economia local mais próspera, gerindo melhor os seus baldios, valorizando raças autóctones, conservando a biodiversidade e as florestas e desenvolvendo uma oferta turística sustentável.



Figura 16. Fotografia de grupo da visita técnica à Galiza (Comunidade de Montes Veciñais na Serra de Covas, perto da Estância Turística de Manzaneda)

4. Viver e Trabalhar numa comunidade de montanha

A freguesia de Sistelo tem tido recentemente uma dinâmica notável, que considerámos importante conhecer melhor, para perceber como a comunidade local se está a adaptar às mudanças, mas também para daí obter conhecimento útil para os agentes de desenvolvimento rural e para outras aldeias de montanha.

Um marco recente na história desta freguesia foi o movimento da população em oposição a um projeto de construção de uma mini-hídrica (Aproveitamento Hidroelétrico de Sistelo²). Este projeto acabou por ser “chumbado” pela Secretaria de Estado do Ambiente em 2016, após ter obtido pareceres negativos na Câmara Municipal de Arcos de Valdevez e pela ONG ambiental GEOTA. A construção da mini-hídrica implicava impactos negativos sobre o património natural e paisagístico e sobre as atividades agro-silvo-pastoris, ao comprometer o sistema de regadio tradicional dos socalcos. Representava ainda uma perda de autono-

² Na sequência da forte contestação social, incluindo uma petição pública que alcançou mais de 5000 assinaturas, o projeto recebeu parecer negativo da Secretaria de Estado do Ambiente. https://peticaopublica.com/pview.aspx?pi=PT77296&fbclid=IwAR0AKUUrlotvTuYr-cSi7Zs2idLKilUhpHlk0-EmOGgFEbrrNtqEkR_heKO_A

mia da comunidade local na gestão e valorização dos seus recursos naturais. A dinâmica que então tinha sido criada favoreceu uma aposta na valorização da paisagem através de um maior desenvolvimento turístico, criando também novos empregos e oportunidades de negócio. Este processo, que contou com o envolvimento da comunidade, alcançou visibilidade a nível nacional. Um destaque que se confirmou com a posterior obtenção da classificação da Paisagem Cultural de Sistelo como Monumento Nacional.

Foi neste contexto, ainda muito dinâmico, que o projeto Acontece in Loco desenvolveu as suas atividades com a comunidade local. Os resultados desse trabalho relativamente a aspetos ligados à vida e ao trabalho na montanha são aqui apresentados.

Entre ficar, partir e regressar: é bom viver em Sistelo?

As pessoas de Sistelo têm bem presente no seu pensamento os efeitos da emigração e da saída dos jovens sobre a vida na aldeia. Consideram este um problema muito importante e que se poderá agravar ainda mais no futuro. No entanto, ainda têm esperança na possibilidade de revitalizar a aldeia, recuperando um pouco do que era a alegria e a juventude de outros tempos. O sentir das pessoas de Sistelo pode perceber-se melhor a partir das suas próprias palavras. Damos conta dessas palavras de forma anónima, indicando apenas se foram ditas por uma mulher (M) ou por um homem (H), e a sua idade.

Interessa não só dar conta do problema, mas tentar perceber as suas causas. Daí termos perguntado o que leva as pessoas, e em particular os mais jovens, a sair, a ficar a viver ou a regressar a Sistelo.

Para além da ligação que une cada sistelense à sua terra natal, há que referir também as vantagens que hoje em dia se apreciam quando se vive num local mais pequeno e rodeado de espaços naturais bem preservados.

Quadro 2. Principais discursos das pessoas de Sistelo sobre o despovoamento e envelhecimento da população

Ideias centrais	Palavras em discurso direto
Nostalgia de um passado populoso	<i>“...pessoas passavam lá, naqueles caminhos, uns p’ra um lado outros p’ra outro, com o gado, com coisas p’ra cavar (...). Uma alegria, aquelas lavradas, muita gente, os campos todos lavrados”</i> (M, 76)
Perceção do risco de aproximação a limiares críticos	<i>“Isto está muito mal, cada vez é pior...é mais velhotes, e os velhotes vão desaparecendo”</i> (M, 49) <i>“Agora é duas pessoas, três, se caímos lá no meio do chão não há ajuda p’ra nada”</i> (M, 76)
Resistência à ideia da inevitabilidade e esperança no futuro	<i>“Gostava que Sistelo não saísse do mapa, gostava que o que há aqui se mantivesse, as casas que há, e pessoas, gostava que aqui continuasse a haver pessoas.”</i> (M, 26) <i>[relativamente à compra de casas por gente de fora], “algum receio há-de sempre de haver (...) mas é com a esperança de que isto não acabe, que isto continue...”</i> (H, 69)

Quadro 3. O que leva as pessoas a partir de Sistelo?

Ideias centrais	Palavras em discurso direto
Falta de oportunidades profissionais para os jovens	<i>“Nós que fábricas temos aqui? Que emprego temos aqui? (...) como é que se vai viver?”</i> (H, 69) <i>“Lá fora têm outras opções de vida, outras opções de escolha.”</i> (M, 20)
Incerteza na estabilidade da procura turística que viabilize novos negócios	<i>[Investir no turismo] “...é um bocadinho incerto, não é? Nós não sabemos até que ponto é que isto não passará de uma moda”</i> (M, 20)c
Carência de bens e serviços	<i>“Só é pena é termos necessidade de tanta coisa que fazia falta aqui, temos falta de muita coisa (...)”</i> (H, 69)

Quadro 4. O que leva as pessoas a ficar ou a regressar a Sistelo?

Ideias centrais	Palavras em discurso direto
Apego à terra e à comunidade local	<i>“(…) por ruim que a terra seja é o ninho da terra natal (...)” (M, 69)</i> <i>“Se conseguissem trabalhos, eles [os jovens] preferiam, não querem sair” (M, 49)</i>
Vantagens da baixa densidade	<i>“Acho que é uma vida mais tranquila, mais pacífica [...] [é bom] andar nas ruas sem qualquer preocupação” (M, 20).</i>
Boa qualidade do ambiente	<i>“Os ares são mais puros do que na cidade” (M, 20).</i>

As pessoas da comunidade local ainda se conhecem umas às outras, e têm gosto em conviver entre si, embora nem sempre isso seja possível. Os jovens adultos de hoje, que ainda tiveram escola na freguesia, lembram com saudade os festejos do Carnaval e da Páscoa, quando iam “pelos lugares procurar amêndoas” (M, 26). Este convívio das crianças e jovens na comunidade criou ligações fortes dos jovens à sua terra. Entre os mais velhos recordam-se tempos mais distantes, em que a freguesia ainda era muito populosa e quando quase todos trabalhavam nos campos “uns pelos outros”, numa lógica de entreajuda. Há nas pessoas da comunidade um desejo de que este tipo de lógica comunitária não se perca. Para tal consideram importante criar condições de encontro, de convívio e de interligação entre as várias gerações, e mesmo destas com os emigrantes e seus descendentes.

“As pessoas passavam lá, naqueles caminhos, uns p’ra um lado outros p’ra outro, com o gado, com coisas pra cavar (...) uma alegria, aquelas lavradas, muita gente, os campos todos lavrados, a gente a passar com aqueles cestos de comida pr’ aqueles campos, era uma alegria (...) aquela gente toda...” (M, 76)

A comunidade também se tem mantido mais unida por haver várias organizações locais, que tratam dos interesses coletivos. São disso exemplo a Associação Sócio-Cultural e Recreativa de Sistelo, o Baldio de Sistelo e as Juntas de

Regantes. Com mais ou menos dificuldades, que sempre se colocam às organizações coletivas, estas entidades gerem vários recursos, organizam trabalhos necessários ou preservam tradições. São importantes para quem vive e trabalha em Sistelo, e permitem que a freguesia possa participar em projetos e iniciativas com outras comunidades e organizações, mostrando ao resto do mundo o seu valor.



Figura 17. Desenhos sobre Sistelo realizados por crianças do Jardim de Infância de Vila Fonche, expostos na Associação Sócio-Cultural e Recreativa de Sistelo

Há que refletir seriamente sobre a avaliação de os residentes de Sistelo fazem quanto às condições de vida, em sentido amplo, que podem ter as famílias que ficam a viver neste contexto de montanha. Como se pode ver na Figura 18, a maior parte das famílias faz uma apreciação negativa destas condições, que se agrava sobretudo no caso das pessoas idosas. Considerando que, ainda assim, 30% e 40% dos inquiridos, considerou haver boas condições locais de vida para os jovens e para famílias com crianças, nem todos consideram ser necessário sair de Sistelo para viver bem. Daqui a alguns anos será muito interessante voltar a perguntar aos residentes de Sistelo a sua opinião sobre estas condições, e avaliar se, entretanto, houve melhorias ou não.

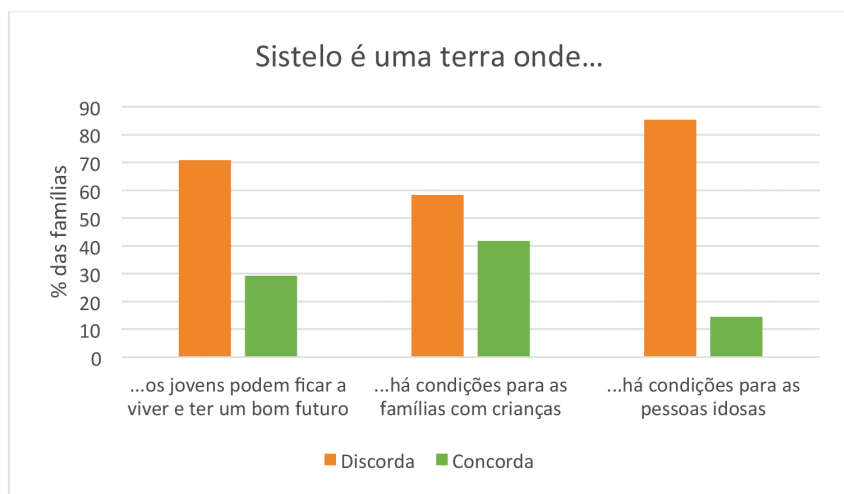


Figura 18. Avaliação das condições de vida e de trabalho em Sistelo.

Fonte: QFam

É importante referir que as últimas gerações de residentes em Sistelo tiveram oportunidades de vida muito diferentes das anteriores. Desde finais do século XX e até hoje uma das grandes melhorias verificou-se no acesso à educação, nos seus vários níveis de ensino. Foi-se tornando mais frequente, entre os jovens que nasceram e cresceram em Sistelo, prosseguir estudos até à conclusão de um curso superior. A capacidade do território para reter e atrair estes jovens depende da existência de empregos que correspondam às expectativas e ao grau de formação destes jovens. A maior formação e educação pode levar os jovens a procurar empregos fora do mundo rural. Mas também lhes permite, caso o desejem, optar pelas profissões tradicionais e rurais trazendo-lhes inovação. Há vários exemplos, nesta e noutras regiões, de jovens que se apostam, com muita garra, em criar projetos seus na agricultura, na pecuária e no turismo rural. Os casos mais bem-sucedidos de empresas inovadoras em meio rural estão frequentemente ligados a pessoas com ensino superior e que se dedicam a projetos que interligam os saberes tradicionais com o conhecimento científico (Madureira *et al.*, 2013b).

As pessoas de Sistelo apreciam muito positivamente alguns aspetos da qualidade de vida na aldeia (Figura 19). De facto, quase todas as pessoas que responderam ao questionário do projeto *Acontece in Loco* consideram que em Sistelo se pode viver de forma saudável e segura, e a maior parte das pessoas reconhece que os vizinhos se ajudam uns aos outros. Sabe-se que várias destas qualidades são mais difíceis de encontrar nas cidades mais populosas e movimentadas do país ou do estrangeiro. Esta ligação das pessoas à sua terra, que as une umas às outras numa mesma identidade, continua a ser valorizada mesmo quando se emigra e também pelos mais novos. Essa ligação deve ser acarinhada, já que pode ser uma das principais forças das aldeias de montanha.

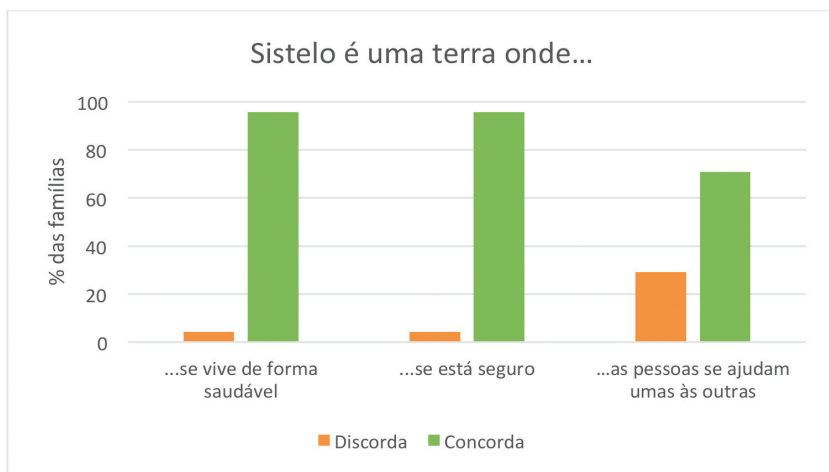


Figura 19. Avaliação do espaço de vida quanto ao ambiente, segurança e sociabilidade.
Fonte: QFam

A qualidade de vida na freguesia também está ligada à paisagem e à atividade agro-silvo-pastoril. Em vários momentos foi possível perceber que as pessoas de Sistelo têm gosto na paisagem que os rodeia, principalmente quando esta se mantém cultivada e produtiva. É a atividade agro-silvo-pastoril que assegura esta dimensão do bem-estar local, tendo ainda outras duas grandes vantagens – proteger a aldeia do fogo e da aproximação excessiva dos animais selvagens.

Economia local e níveis de vida

Ganhar a vida é uma das preocupações que todos temos, principalmente quando se chega à idade adulta. A questão económica, com a procura de emprego ou de maiores rendimentos, foi o principal motor da emigração dos anos 1960/70 e décadas seguintes. A maior parte dos habitantes de Sistelo tem uma idade relativamente avançada e vive de reformas ou pensões, cujos valores são variáveis, com situações mais vantajosas para quem emigrou. Entre os emigrantes regressados há muitos que estiveram fora mais de 30 anos! Apesar de terem rendimentos das reformas, muitos destes sistelenses continuam a trabalhar as suas terras ou a criar gado, mantendo-se ativos, contribuindo para a economia local e para a manutenção da paisagem.



Figura 20. Agricultores a cortar o feno nos socalcos de Sistelo (Porto Cova).

Nas famílias ativas a maior parte dos indivíduos encontrou trabalho na agricultura, e também na floresta. Também há profissionais do setor terciário (restauração, comércio, outros serviços). Muito recentemente tem sido criado algum emprego no turismo, principalmente na restauração, sendo ainda cedo para avaliar o impacto desta nova atividade económica.



Figura 21. Criadora de gado em dia de recolha do feno (Padrão).

A procura de emprego continua a ser a razão principal da saída dos mais jovens. O seu destino pode ainda ser o estrangeiro, por via da emigração, ou outras cidades e localidades mais urbanizadas no país. Mas também é certo que vários destes jovens estão a optar por ficar a viver na freguesia, deslocando-se diariamente para um emprego na região. Com a mobilidade mais facilitada de hoje em dia é possível viver na montanha e trabalhar fora dela. Como as novas gerações apreciam cada vez mais a qualidade de vida que se pode ter na montanha, talvez isso leve mais jovens a ficar a viver na aldeia, desde que encontrem ou consigam criar emprego na aldeia ou na região.



Figura 22. Placas de informação turística indicando trilhos e restaurantes em Sistelo (Igreja)

A economia de Sistelo tem mudado muito nestes últimos anos, quer nas atividades tradicionais, quer pela expansão turística. Cada vez mais se fala de uma economia multifuncional, isto é, com várias atividades e funções ligadas aos recursos do território. Ao haver mais oportunidades de criar valor e riqueza surgem mais possibilidades de emprego. Interessa tirar o melhor partido destas várias funções que dependem umas das outras para terem mais sucesso. A agricultura produz alimentos de qualidade, mas também mantém os socalcos, que são uma grande atração turística. O pastoreio do gado nos montes assegura uma limpeza dos matos que torna a paisagem mais bonita e mais segura, principalmente no que se refere aos incêndios. Os restaurantes e os alojamentos locais, quando usam produtos agroalimentares locais ou regionais, podem fazer aumentar os rendimentos dos agricultores.

Esta multifuncionalidade já existe hoje em dia, e já é reconhecida pela sociedade, mas pode ser mais desenvolvida. Agricultores e empresários do turismo podem fazer projetos de interesse comum. O Baldio pode apostar mais ativamente num tipo de turismo que crie mais riqueza na comunidade. Os restaurantes, os comerciantes locais e os agricultores podem encontrar soluções para que uma maior parte da produção local seja consumida e vendida na própria aldeia. Para isso acontecer é muito importante a ação das organizações locais, que podem contar com vários outros parceiros, nomeadamente as entidades do projeto *Acontece in Loco*.

A dinâmica atual de Sistelo já tem mudado a aldeia num sentido positivo e de maior esperança. Mas, tal como em todas as mudanças, há sempre alguns riscos. Os sistelenses têm bem consciência disso, e são prudentes quando se lhes pergunta pelo futuro. Será que o turismo se vai manter daqui a alguns anos? Será que os socalcos e os montes vão continuar a ter quem os mantenha cultivados, produtivos e limpos? Estas questões surgiram durante as rodas de conversa e devem ser tidas em conta por quem tem maior poder de decisão. Como dizia uma jovem rapariga: “É preciso termos coisas que atraiam as pessoas, mas sem estragar. Acho que isto é o principal, sem estragar o que temos: a paisagem, a essência.” (M, 20). Esta frase resume bem a preocupação com a sustentabilidade, que nas aldeias de montanha depende muito da capacidade de se manter a qualidade dos seus recursos naturais e a autenticidade da cultura local. O bem-estar das pessoas será maior e mais duradouro, se for possível encontrar soluções de crescimento e inovação que valorizem o património natural e cultural do território.

Prioridades para melhorar a qualidade de vida

As novas oportunidades que os territórios de montanha representam hoje em dia não resolvem de forma automática as dificuldades antigas. A distância entre as aldeias de montanha e as vilas e as cidades continua a ser um obstáculo. É assim quando as pessoas de Sistelo precisam de comprar algum bem ou serviço, e também o é quando se trata de instalar na aldeia alguma infraestrutura ou tecnologia inovadora. O turismo pode ajudar a dinamizar a economia local, mas em si mesmo não responde a várias necessidades das pessoas e das famílias. Como dizia um morador da aldeia, que olhava para o turismo com esperança, mas não deixava de alertar:

“Só é pena é termos necessidade de tanta coisa que fazia falta aqui, temos falta de muita coisa. É bom trazer turistas pra cá, mas atrás disso ou primeiro disso, falta-nos progresso em muita coisa.” (H, 70).

E quais são então as principais necessidades que os sistelenses apontam? As principais necessidades apontadas pelas pessoas de Sistelo refletem várias preocupações. Uma parte diz respeito à vida quotidiana. Outras preocupações estão ligadas às dificuldades do trabalho agrícola num espaço de montanha.

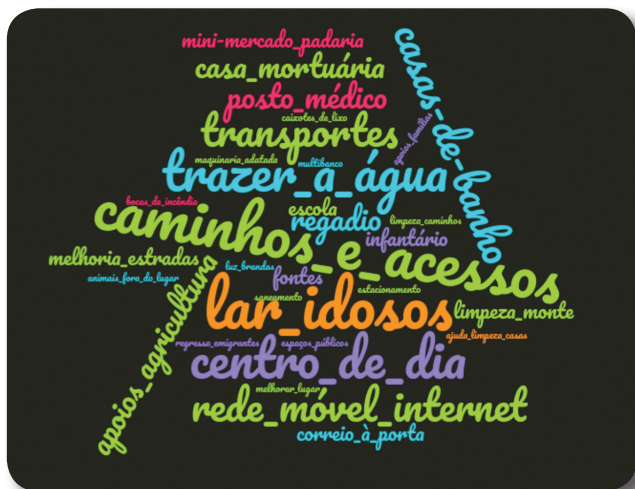


Figura 23. Principais aspetos a melhorar em Sistelo para uma maior qualidade de vida³.

³ Nuvem de palavras elaborada com a aplicação WordClouds, de livre acesso.

As dificuldades dos mais velhos estão no centro das preocupações de quem vive em Sistelo. Uma das necessidades mais referida foi a de existir um espaço onde as pessoas mais velhas, e já com algumas dificuldades, possam encontrar-se e conviver um pouco. A menção a um “lar de idosos” ou “centro de dia” tem por detrás a ideia de que esta fase da vida possa ser vivida em Sistelo, e com mais qualidade. Há que ter uma clara consciência de que, com o envelhecimento demográfico intenso, uma parte substancial da população de Sistelo (tal como a de outras aldeias de montanha) já tem ou está perto de chegar a uma idade avançada. Muitas destas pessoas continuam a ter uma vida ativa e produtiva, cuidando dos seus campos e animais, das suas casas e propriedades e dando apoio aos mais jovens. Este “envelhecimento ativo” é uma mais-valia para todos, e deve ser apoiado. Ao criar respostas para as dificuldades dos mais velhos estamos, certamente, a cuidar de todos.

A segunda grande preocupação dos inquiridos foi com os “caminhos e acessos”, quer para as casas, quer para os campos. A possibilidade de transitar com veículos motorizados nem sempre existe, em função do declive e do tipo de piso.



Figura 24. Caminho no interior da freguesia de Sistelo, com acesso aos campos.



Figura 25. Escadas entre o rio Vez e o Lugar de Igreja

Um caminho tradicional pode ser atrativo quando passeamos, mas ser um grande obstáculo para quem, no dia-a-dia, tem de circular na aldeia, transportar doentes ou crianças pequenas ou carregar compras. Um dos desafios para estas aldeias está em encontrar soluções de mobilidade e acessibilidade para todos, que permitam manter o aspeto tradicional da aldeia e a harmonia da sua paisagem.

Numa perspetiva de melhoria da qualidade de vida as pessoas mencionam ainda a importância de haver na aldeia um conjunto de serviços de proximidade, considerados básicos, que incluem o pequeno comércio local, serviços de saúde e comunicações, desde o tradicional serviço de correio à porta até às redes avançadas de telecomunicações. Um acesso rápido e garantido à rede móvel e à internet era já uma prioridade para a população em 2019, que veio a ser agravada pela pandemia Covid19, com as crianças e jovens a terem ensino à distância durante grande parte de 2020 e 2021. As novas formas de comunicar com som e imagem também ganharam importância entre os mais velhos, ao permitir-lhes sentir-se mais próximos de familiares distantes, impedidos de regressar à aldeia por restrições à circulação. De um modo geral será cada vez mais difícil assegurar a permanência de atividades económicas e de comunidades locais em aldeias de montanha sem que aí exista cobertura e acesso às telecomunicações e ao mundo digital.



Figura 26. Estabelecimento de comércio local polivalente, atualmente encerrado (Igreja)

Os habitantes de Sistelo não deixam de mencionar algumas melhorias ligadas diretamente à afluência de visitantes à aldeia, que veio ampliar a necessidade de diversos serviços de proximidade, e criar novas necessidades em infraestruturas de uso público, nomeadamente em termos de instalações sanitárias.



Figura 27. Aspeto do trabalho agrícola mecanizado, apenas possível em parte dos socalcos de Sistelo (Padrão)

A melhoria das condições de trabalho na atividade agro-silvo-pastoril está também na preocupação dos inquiridos. Volta a surgir a questão dos caminhos, focada no acesso aos campos e aos montes, enquanto requisito para a mecanização das operações agrícolas e florestais. Há a referir igualmente a preocupação com a recuperação dos sistemas de regadio. Ambas as melhorias são consideradas fatores relevantes para que o trabalho agrícola possa ser realizado com menos sacrifício, contribuindo para evitar a tendência de abandono dos socalcos.

Numa das rodas de conversa realizadas procurámos saber qual o principal desejo de cada participante para o futuro de Sistelo. As respostas incluem dois grandes objetivos:

- (1) que Sistelo continue a ter gente, que consiga efetivamente manter alguns dos seus jovens e que possa dar-se o regresso dos emigrantes que ainda estão fora;
- (2) que Sistelo não perca a sua essência, que não se deixe estragar ou danificar aquilo que faz da aldeia um território especial: a sua cultura, a sua paisagem.

Estes dois sonhos mostram que, em Sistelo, está muito viva a identidade local, ligada à vida em comunidade e ao enraizamento das pessoas no território. Mais do que isso, as pessoas que hoje vivem e trabalham em Sistelo querem que essa identidade se mantenha no futuro.

5. Notas finais

O projeto *Acontece in Loco* – Montanha do Alto Minho centrou-se num território específico – a freguesia de Sistelo, no concelho de Arcos de Valdevez. A partir do estudo realizado procurámos perceber melhor o que significa viver e trabalhar nas várias aldeias de montanha do Alto Minho. Em Sistelo aprendemos muito sobre a comunidade, as pessoas e as suas atividades, preocupações e esperanças. As rodas de conversa, os inquéritos e as visitas que fizemos - aos lugares, aos campos e ao monte – sempre acompanhados pela simpatia e generosidade de quem lá vive e trabalha - permitiram-nos reunir muita informação que consideramos ser importante e útil.

A ARDAL, promotora do *Acontece in Loco*, teve a sua origem num outro projeto que colocava uma forte tónica na gestão participada dos territórios e atores locais⁴. Os «Cadernos da Montanha» que resultaram deste projeto são ainda hoje um repositório de informação detalhada sobre os territórios, apresentando uma orientação estratégica para inovar com conhecimento científico aliado aos saberes, às vontades e à capacidade de ação das comunidades locais. Uma década mais tarde, num estudo internacional de avaliação dos serviços de ecossistema

⁴ Projeto PAMAF-IED “Desenvolvimento Agrícola Sustentável: Metodologia de definição dos critérios de intervenção em zonas de montanha”, coordenado por Agostinho de Carvalho, entre 1997 e 2000.

(*Millenium Ecosystem Assessment*), voltou a destacar-se o território da montanha. Para além de se referir a necessidade de boas políticas para este território, alertou-se para a necessidade de envolver verdadeiramente as populações locais e organizações locais de desenvolvimento (Pereira e Queiróz, 2009). Com o projeto *Acontece in Loco* regressámos a esta lógica de trabalho lado-a-lado com uma comunidade local a partir da oportunidade criada pela Rede Rural Nacional. A partir da experiência que desenvolvemos em Sistelo, ficámos cientes de que este tipo de intervenção - integrada e com forte componente participativa - tem sido pouco aplicada.

Só se pode compreender verdadeiramente o significado de viver e trabalhar na montanha quando se tem a oportunidade de sair dos gabinetes, percorrer os caminhos das freguesias e dedicar o tempo suficiente para ouvir as pessoas sobre as questões que as preocupam. Para encontrar soluções que consigam revitalizar aldeias de montanha como Sistelo, há muito a ganhar se as escolhas forem sendo feitas a partir de um trabalho lado-a-lado entre os agentes de desenvolvimento rural e a comunidade local. Este tipo de trabalho participativo já vai acontecendo na região e nos municípios, mas raramente chega às aldeias e à escala das freguesias. Mas é precisamente nesta escala - a das pequenas comunidades locais - que este tipo de abordagem faz mais sentido, reativando as dinâmicas comunitárias locais que ainda aí existem. Para termos montanhas vivas e comunidades resilientes.

6. Referências

Aguiar, C. et al. (2009). A Montanha. In Pereira, H. et al. (eds), *Ecossistemas e Bem-Estar Humano - Avaliação para Portugal do Millennium Ecosystem Assessment*, Escolar Editora: 293-337.

Caldas, B., Graça, M. (2020). A Estratégia Regional para a Paisagem do Alto Minho no contexto da conservação e valorização do património natural, In Nogueira, J. et al. (eds.). *Acontece in Loco – Dias de Campo*, Projeto Acontece in Loco – Montanha do Alto Minho: 80-91. (E-book).

Carvalho, A., Miranda, J. (eds.). S/D, *Cadernos da Montanha - Peneda-Soajo I*, Arcos de Valdevez: 43-53.

Costa, J. (2020). Mensagem do Presidente do Conselho Intermunicipal da CIM Alto Minho, In Nogueira, J. et al. (eds.). *Acontece in Loco – Dias de Campo*, Projeto Acontece in Loco – Montanha do Alto Minho: 9-10. (E-book).

Lima Santos, J. (2017). Agricultura e biodiversidade: uma diversidade de temas, *Cadernos de Análise e Prospetiva*, Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração (GPP), (8): 13-19.

Madureira, L., et al. (2013a). *Economia dos Serviços de Ecossistema – Um guia para conhecer e valorizar serviços de agroecossistemas em áreas protegidas de montanha*, Lisboa: Quercus.

Madureira, L., et al. (2013b). *Inovação em Portugal Rural – Detetar, Medir e Valorizar*, Principia Editora, Cascais

Moreira, F., Lomba, A. (2017). A importância da agricultura na preservação da biodiversidade, *Cadernos de Análise e Prospetiva*, Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração, 8: 39-45.

Oliveira Baptista, F. (2018). Rural e floresta, caminhos por definir. In Simões, O., (ed.), *O Rural depois do Fogo*: 45-60. Coimbra: ESAC-IPC.

Pereira, E., Queiroz, C. (2009). Sistelo: um estudo participativo numa freguesia de montanha, in Pereira, Henrique, Proença, Vânia, Vicente, Luís, Domingos, Tiago (eds.) *Ecossistemas e Bem-Estar Humano – Avaliação para Portugal do Millenium Ecosystem Assessment*, Escolar Editora: 585-635.

UE (2003). Relatório do Comité das Regiões para a definição de uma política comunitária para as zonas de montanha (2003/C 128/05).

7. Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

ARDAL - Associação Regional de Desenvolvimento do Alto Lima

CIM-AM - Comunidade Intermunicipal do Alto Minho (CIM-AM)

EUROPARC – Federação da Natureza e Parques Nacionais da Europa

GEOTA – Grupo de Estudos de Ordenamento do Território e Ambiente

H – Homem

INE – Instituto Nacional de Estatística

M - Mulher

ONG – Organização Não Governamental

PAC – Política Agrícola Comum

PDR2020 – Programa de Desenvolvimento Rural 2014-2020

QFam - Questionário direto a representantes das famílias de Sistelo

UE – União Europeia



PARCEIROS:



Escola Superior
Agrária



ctm alto minho
comunidade associada de alto minho



COOPERATIVA AGRÍCOLA
ARCOIS DE VALDEVEZ E PONTE DA BARCA



ASSOCIAÇÃO FLORESTAL DO LAR



FINANCIAMENTO:



A Europa investe nas zonas rurais